



FRONTEIRAS: MEMÓRIA, CORPO E ALTERIDADE

Frontiers: Memory, Body and Otherness

Letícia DAMASCENO*

RESUMO: Neste trabalho visamos articular as reflexões de Jean Pierre Vernant sobre deuses e mitos na Grécia Antiga, focados nas figuras de Ártemis, Dionísio e Gorgó e sua hipótese sobre a alteridade, com as concepções de Nietzsche sobre os conceitos de apolíneo e dionisíaco e a origem do trágico. A discussão se pauta na percepção da diferença como afirmação da própria vida. E de que modo os aspectos míticos da memória e do tempo relacionam-se contribuindo para a geração da alteridade e da figuração do Outro.

Palavras chave: mitos, trágico, alegria.

ABSTRACT This work aims to articulate Jean Pierre Vernant reflections about gods and myths in Ancient Greece, focused on the mythological figures of Artemis, Dionysius e Gorgon, and his hypothesis about alterity, with Nietzsche conceptions on the concepts of Apollonian and Dionysian and the birth of tragedy. The discussion is based in the perception of the difference as affirmation of life itself. It also discusses in which way the mythical aspects of memory and time are related, leading to the creation of otherness and the appearance of the Other.

Keywords: myths, tragedy, joy.

APRESENTAÇÃO

O encantamento é o pressuposto de toda a arte dramática. Nesse encantamento entusiasta dionisíaco se vê a si mesmo como um sátiro e como sátiro por sua vez completa o deus, isto é, em sua metamorfose ele vê fora de si uma nova visão, que é a última apolínea de sua condição. Com essa nova visão o drama está completo (NIETZSCHE 2006: 60).

Neste trabalho abordaremos as óticas de Jean Pierre Vernant (1991), sobre deuses e mitos na Grécia, seguindo suas reflexões apresentadas em *A morte nos olhos*, sobre Alteridade no pensamento dos gregos, e *Mito e Pensamento*, (1973) – no capítulo sobre *Aspectos Míticos da Memória e do Tempo*. Também focalizamos as interpretações nietzschianas sobre a tragédia helênica. Visamos não só discutir esses conceitos do helenista, mas, sobretudo tentar uma aproximação com o pensamento de Nietzsche, focando as

* 1 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Centro de Ciências Humanas e Sociais, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social: ledamasceno@yahoo.com.br

² A partir da leitura e discussão desses textos, no ano de 2007, gerou-se uma performance intitulada: “Alteridade em Questão”, que foi apresentada na Unirio no Mestrado de Memória Social, como fechamento da disciplina Memória Identidade e Diferença, ministrada pelo prof. Doutor Miguel Angel de Barrenechea.

obras: *O Nascimento da Tragédia*¹ (2006) e *Crepúsculo dos Ídolos*, (1978). Nelas, Nietzsche apresenta os conceitos de apolíneo e dionisíaco e como os dois se interpenetram dando origem ao trágico; nesse intuito, privilegiamos a análise de Dionísio, considerado deus da metamorfose, da fecundidade, da alegria.

As fronteiras entre o masculino e o feminino, entre civilização e barbárie, entre homem e animal, são discutidas por Vernant, focando as figuras de Gorgó, Dionísio e de Ártemis. Em sua interpretação, esses deuses gregos mascarados, representam três forças, três poderes que deflagram conflitos que afetam várias dimensões da existência humana. O que está em pauta é entender que os mitos – relatos transmitidos oralmente – não se constituíam uma interpretação racional, mas uma visão imagística que se propagava entre as gerações, visto que pertenciam ao registro da experiência de mundo. Nos relatos míticos encontramos a abertura para a experiência que permitia gravar na memória, narrativas que decodificavam modos de ser e de situar-se no mundo.

Além de representarem forças divinas presentes na Grécia Antiga, estes deuses têm como traço comum expressarem a experiência que os gregos tiveram do Outro, de como eles lidaram com a diferença, com a diversidade.

Partindo dessas premissas, tentaremos vincular as concepções nietzschianas a respeito do trágico e a interpretação de alteridade de Vernant, nas figurações de Gorgó, Ártemis e Dionísio.

E como pensar nos mitos, em seus aspectos vivos do humano e do inumano nas *fronteiras* que nos habitam? A abordagem aqui proposta é de analisar o conceito do Outro na Grécia Antiga, num diálogo com as concepções nietzschianas e a percepção da singularidade. Lembremos que Nietzsche sustenta que o indivíduo está sempre em transformação, superando sempre a si mesmo, “Eu sou aquilo que deve superar a si mesmo” (NIETZSCHE, 2006:127) É fundamental para Nietzsche, a idéia do *vir a ser, de devir*: contrariamente as concepções de identidade, de idêntico a si mesmo, de reprodução de modelo identitário. As concepções metafísicas identitárias são questionadas pelo autor: não há permanências, mas contínuo jogo de forças.

Compreendendo que a experiência da alteridade é a experiencição do Outro como diferente de mim e para afirmar esta diferença eu preciso perceber que há um outro em mim, isto é, não existe um eu, uma consciência, uma razão que governa minhas ações, mas impulsos que desconheço e que a todo instante criam novos eus. Ou seja, eu só afirmo a diferença quando experimento a alteridade, isto é, quando abandono a identidade, a crença numa unidade do sujeito, no eu como porta voz de si.

Em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche apresenta a questão primordial que leva os gregos a criarem a arte apolínea e a divinizar-lá. Como diz Roberto Machado – “divinizar significa tornar belo” (MACHADO, 2002:17). Nesse livro, Nietzsche também analisará o sentido da dicotomia Apolo Dionísio. Segundo o autor, tal dicotomia, deve-se ao fato de que o apolíneo, num primeiro momento, protelará o dionisíaco. Como? Isto é respondido na lenda de Sileno³². Inicialmente, os gregos, através de Apolo devem ocultar os horrores do dionisíaco. É importante lembrar que significam Apolo e Dionísio individualmente.

³ A visão trágica do mundo grego foi predita, pela sentença de Sileno, companheiro de Dioniso: “o bem supremo te é absolutamente inacessível: é não ter nascido, não ser, nada a ser. Em compensação, o segundo dos bens tu podes ter: é logo morrer” (NT, 3, p. 35).

Deste modo, Apolo que simboliza o Sol, o sonho, a exaltação da beleza, e da aparência, personifica o *principium da individuationis*, isto é o princípio da individuação. Dionísio através da desmesura, da embriaguez, conduz a destruição de barreiras sociais e do princípio da individuação, coloca em xeque as identidades.

Na concepção nietzschiana, um diálogo entre o apolíneo e o dionisíaco, tomados como diferentes impulsos da natureza, resultam num tenso contraste, chegando juntos a síntese da arte trágica, como aponta Miguel Angel Barrenechea:

Na tragédia, obra magna, síntese do espírito grego, coexistem ambas as forças num tenso equilíbrio. Nessa arte, são apolinizadas as tendências dionisíacas, há um jogo apolíneo com a desmesura e embriaguez. Elas perdem seu potencial destruidor ao serem filtradas pela lanterna mágica da arte. (BARRENECHEA, 2004: 148).

A começar dessas idéias, a figura de Dionísio aparece como a personificação do processo de transformação, do devir vital. É possível perceber que tanto em Nietzsche quanto em Vernant são sublinhados os aspectos ligados á metamorfose. Ambos os autores reconhecem no dionisíaco que no processo do tornar-se outro, é preciso que as fronteiras do estável, do fixo sejam rasgadas. É preciso esquecer o já estabelecido, é preciso uma outra compreensão do jogo memória-esquecimento.

É, nesta fronteira que vislumbramos um rastro, para supor que se imbrincam memória e alteridade. E lançamos a questão: que direção pode nos conduzir ao imbrincamento alteridade e memória? Para aproximarmos de nosso objetivo é preciso aprofundar a concepção nietzschiana de corpo

Esse jogo de forças, seus antagonismos e espaços das subjetivações do entre, é usado para apresentar o corpo enquanto força plástica, no pensamento nietzschiano que aposta na vida e no movimento, no ritmo, no Canto e na Dança e, portanto na arte, como propulsora de forças dionisíacas e transformadoras. Na figura de Zaratustra, concentram-se, várias faces dessa concepção, como se confirma em Rafael Hadock Lobo “Adorador de Dionísio, Nietzsche cria seu herói trágico, um deus que dança e celebra a vida: Zaratustra” (Apud BARRENECHEA, 2003: 273).

Podemos pensar no poder de transformação que existe em nós, como em cada um desses mitos, na medida em que entendemos a alteridade como geradora da diferença?

Para respondermos a esta questão, encontramos no aforismo 318, de *A Gaia Ciência*, uma primeira indicação: “Temos necessidades diferentes, um crescimento diverso, uma digestão diferente precisamos de mais, precisamos também de menos o que vem a ser necessário, para que um espírito realmente se alimente?” Nietzsche comenta: “nenhuma fórmula pode responder à pergunta” (NIETZSCHE, 1967:311). Ou seja, cada um tem uma assimilação e um processo digestivo, fisiológico singular, mas, justamente por não se tratar de um corpo entendido biologicamente, as metáforas usadas por Nietzsche, procuram mostrar a percepção e apropriação das singularidades, já que cada corpo é único, gerador de todos os processos de metamorfose.

Esta discussão é novamente colocada em pauta na seção: Dos que desprezam o corpo na obra *Assim Falou Zaratustra*, na qual Nietzsche vai questionar a visão dicotômica e dualista que separa o corpo e a alma:

Eu sou o corpo e a alma, assim fala a criança e por que se não há de falar como as crianças?[...] Por detrás dos teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, há um senhor mais poderoso, um guia desconhecido. Chama-se Si mesmo. Habita no teu corpo; é o teu corpo. Há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria (NIETZSCHE 2006:44).

Em oposição à trajetória do conhecimento racional, baseada no pensamento dicotômico e metafísico, constatamos na obra de Nietzsche caminhos para valorizar a potencialidade do corpo em detrimento da visão que o condena e o considera fonte de pecado, de desejo, e de todo o mal. Numa ótica que compreende o movimento corporal como jogo de forças em constantes embates, nos trazendo a cada instante novas configurações, novas relações de poder.

Agora, que já esboçamos o valor do corpo na ótica nietzschiana, visamos aprofundar a compreensão do trágico, para esclarecer o processo de alternância entre dor e alegria que é fonte de novas relações de força, levando à criação de valores. Dionísio é a figura que indica a transformação, a metamorfose, à criação. Vemos a possibilidade de celebrar as dores e a vida em geral, pois o que fazem os sátiros, o que é cantado no ditirambo? “Cantam as dores de Dionísio”. E, no entanto, a celebração e o culto ao deus Dionísio nos leva a esquecer o mundo conhecido, através da embriaguez, da lucidez, da sexualidade e da afirmação da vida e da fertilidade.

Podemos constatar em *Crepúsculo dos Ídolos* a mesma perspectiva perante a vida, perante o corpo, mostrando como a dor pode metamorfosear-se em criação: “Na doutrina dos mistérios a dor é declarada santa. Santificam a dor em geral todo vir a ser e crescer” (NIETZSCHE, 1978:344).

Neste mesmo trecho, no aforismo 43, o autor nos aponta “o fato fundamental do instinto helênico: “sua vontade de vida” (idem: 344) também levanta uma questão, relevante para tentar esclarecer como os gregos pré platônicos se relacionavam com o tempo e a memória. “O que o heleno garante a si mesmo com esses mistérios?”(ibidem, 344).

A esta pergunta Nietzsche responde de maneira afirmativa:

A vida eterna, o eterno retorno da vida; o futuro prometido e consagrado no passado; o triunfante sim à vida, para além da morte e mudança. A verdadeira vida como sobrevivência coletiva pela geração, pelos mistérios da sexualidade [...]. Tudo o que garante futuro condiciona a dor [...] para que haja o eterno prazer de criar, haja eternamente “o tormento da parturiente” para que a vontade de vida afirme-se eternamente a si mesma, Isso tudo significa a palavra Dionísio: não conheço nenhum simbolismo mais alto das Dionisias. (NIETZSCHE, 1978:344).

Dionísio é a figura que afirma o eterno retorno do ciclo vital, “As dores da parturiente” simbolizam o eterno prazer de criar. Pinheiro comenta a importância do culto a Dionísio:

A primavera é o momento privilegiado para o culto a Dionísio. É na primavera que as formas ressurgem, que toda mistura oculta na terra fértil se apresenta num novo turbilhão de vida. O culto a Dionísio fala, de uma dissolução, mas também nos remete a esse estágio fecundo em que o dissolvido retorna à vida e o que estava sob a terra retorna a superfície, ou a terra, onde surgem as imagens, as aparências e as aparições (PINHEIRO, 2003: 217).

O culto ao deus da metamorfose trata tanto da dissolução do indivíduo, como de renovação, do renascer, de possibilidade de vida que surge de uma mistura na terra fértil. Assim, do ocultamento, o desvelamento se opera, numa afirmação da vida, vida como testemunha da intensidade, da natureza no despontar de novas imagens, de incessante criação.

Os gregos viviam, na perenidade desses mitos, uma imortalidade simbólica, que era cantada pelos poetas, isto é, não viviam em função de uma outra vida, mas, como assinala Vernant, ao discorrer sobre o culto a Dionísio, celebravam a existência terrestre:

Aqui, tudo se apresenta na existência presente. O desejo incontestável de uma liberação, de uma evasão para um Além, não se exprime sob a forma de uma esperança de uma outra vida, mais feliz, depois da morte, mas na experiência no seio da vida, de uma outra dimensão, de uma abertura da condição humana para uma bem aventurada alteridade (VERNANT, 1999: 340).

Aqui, podemos estabelecer pontos de contato entre o pensamento de Vernant e de Nietzsche Segundo Vernant, Dionísio leva a experimentar uma outra dimensão do humano, estabelecendo uma alteridade vertical, numa verticalidade para o alto, nos fazendo experimentar outras dimensões do si mesmo. Trata-se de um processo de elevação das potências correntes, saindo do conhecido, do cotidiano, através da liberação, não somente do orgiástico, mas do impulso que conjuga o apolíneo e dionisíaco e que, portanto, celebra a arte trágica, numa experiência diferente de nós mesmos, “numa bem aventurada alteridade”.

Dando seguimento as reflexões de Vernant a respeito da alteridade, aludiremos às figuras de Ártemis e da Gorgó ou Górgona. Para o autor, Ártemis simboliza a Alteridade horizontal, se situa na fronteira entre o masculino e o feminino, entre o selvagem e o civilizado. Sendo deusa da caça, penetra a selvageria sem se bestializar, como deusa do parto, protege as mulheres e os rebentos os conduzindo à entrada no mundo civilizado. Atua sempre como deusa das margens, possibilita os ritos de passagem e tem dupla função: ultrapassa as fronteiras, ao mesmo tempo em que as preserva. Deusa lunar tem como elementos a terra e água.

Gorgó como Alteridade vertical é o que há de mais radical, o absoluto outro, a extrema alteridade em relação ao ser humano, não como seu diferente, mas em vez “do homem outro o outro do homem” (VERNANT, 1991:35) Atuando no eixo vertical, levando-o para baixo, esta divindade da morte petrifica qualquer ser humano, ou ser vivo que lhes cruzar o olhar, diferente de Dionísio que age na verticalidade para o alto, Gorgó arranca o homem de sua vida e de si mesmo. Esta absoluta máscara entretanto, nos surpreende quando de sua cabeça cortada, nasce um cavalo alado de luz, Pégasos, ou seja, de seu sangue vida também é gerada.

Nesse sentido podemos pensar na alteridade como o vir a ser, como trânsito possível entre os humanos, assinala Vernant “O mesmo só se concebe e só pode definir-se em relação ao Outro, à multiplicidade dos outros. Se o mesmo permanece voltado sobre si mesmo, não há pensamento possível” (VERNANT, 199: 34).

Para aprofundarmos essa interpretação aludiremos à figura mítica de *Mnemosine* neste imbrincamento: memória e alteridade, propondo uma reflexão, para uma outra dimensão na relação da memória e do tempo.

Segundo Junito Brandão (1986), *Gaia* (Terra) se une o *Urano* (Céu), num casamento “que se denomina hierogamia, ou seja, um casamento sagrado, cujo objetivo precípua é a fertilidade da mulher, dos animais, da terra” (BRANDÃO, 1986:195). Esse tipo de união é característico de diversas tradições religiosas, com o objetivo de aproximar os homens dos deuses. Brandão acrescenta [...] “sobre a Terra santificava-a lhe garantia prosperidade e felicidade para o ano que começava” (ibidem: 195).

Assim, queremos apontar que *Gaia* é mãe de *Urano*, ou seja, a Terra é mãe do Céu, ela nasce primeiro, ela é fundante, ela é a Mãe Terra, é geradora. A Terra, neste sentido, é vista como fundamento, dela nascem os alimentos que nos nutrem, que perpetuam a vida. Deste modo, nascida do *Caos*³⁴, significa boca aberta, aqui compreendida como abertura e possibilidade. E não possui uma conotação negativa, como a que temos hoje do termo, ao contrário, ela permite a passagem para todas as coisas se propagarem, se criarem, se gerarem.

Ao unir-se a *Zeus*, *Gaia* gera *Mnemosine*⁴⁵, que é a deusa da Memória e irmã de *Cronus* deus do tempo. Vemos então, que Memória é irmã do Tempo, porém *Cronus*⁵⁶, conforme o relato mítico, nos apresenta uma outra percepção do tempo. O deus do tempo, por não aceitar seu destino, que profetizou que um dia um dos seus filhos deveria sucedê-lo, passa a engoli-los, numa tentativa de paralisação do tempo. Vã pretensão de imobilizar o fluxo vital, de controlar as forças do Caos, do imprevisível. Dando origem, ao tempo conhecido como *cronológico*, mais aproximado da idéia de tempo atual, ou seja, tempo linear, onde passado, presente e futuro se apresentam progressivamente, numa mesma linha ou direção. Esse tempo que não se cruza, não conhece a interpenetração.

Mnemosine como personificação da Memória que pode ser individual, coletiva e/ou passada presente ou futura, nos remete a uma sociedade anterior à escrita, na qual a memória está ligada à narrativa e à experiência na figura dos aedos que cantavam e narravam os acontecimentos míticos e religiosos. Eles declamavam as genealogias e teogonias: doutrinas míticas relativas ao nascimento dos deuses e da formação do mundo. E, os aedos, cegos para a luz, têm o dom de ver o que os outros não enxergam, o invisível para o comum dos humanos. “O saber, [...] é uma *onisciência* de tipo divinatório que *Mnemosyne* dispensa a seus eleitos, “ela sabe e ela canta, o que foi o que é o que será” (VERNANT, 1973: 73, Apud Hesíodo, Teogonia 32 e 28).

⁴ Caos é, segundo Hesíodo, a primeira divindade a surgir no universo, portanto o mais velho dos deuses. A natureza divina de Caos é de difícil entendimento, devido às mudanças que a idéia de "caos" sofreu com o passar das épocas. Caos é então uma força antiga e obscura que manifesta a vida por meio da cisão dos elementos. Caos parece ser um deus andrógino, trazendo em si tanto o masculino como o feminino. Esta é uma característica comum a todos os deuses primogênitos de várias mitologias.

⁵ *Mnemosine* em grego (*Mnemosyne*), prende-se ao verbo (*mimnéskein*) “lembrar-se de” é a personificação da Memória. Amada de Zeus, foi mãe de nove Musas (BRANDÃO, 1986:202).

⁶ *Cronus* foi identificado muitas vezes como *tempo* personificado, já que, em grego, (*khrónos*) é o tempo (idem: 198 e 200). Após a derrota dos Titãs, os deuses pediram a Zeus que criasse divindades capazes de cantar condignamente a vitória dos Olímpicos. Zeus partilhou o leito de *Mnemosina* durante nove noites seguidas, e no tempo devido nasceram as nove Musas. À mesma família etimológica de *Musa* pertencem *música* (o que concerne às musas) e *museu* (templo das Musas, local onde elas residem ou se alguém se adentra nas artes).

Mnemosine, por sua vez, ao se unir a Zeus por nove luas dá origem a nove Musas⁷⁶ que simbolizam a Arte. As Musas desempenhavam o importante papel de “tocar os poetas”, de inspirar e permitir que os rapsodos transitassem pelos meandros da Memória arcaica. Como aponta Vernant “Possuído pelas Musas, o poeta é o intérprete de Mnemosyne” (VERNANT, 1973:73).

Encontramos uma bela imagem no artigo *O Manto de Mnemosine: Considerações sobre a Memória* de Laura Ribeiro da Silveira, no qual ela apresenta a deusa da Memória, num velar e desvelar, através de um longo manto e suas dobras:

Envolta em seu gigantesco manto, Mnemosine tem poder de seleção: é na retirada para dentro de si e no interino exílio do mundo, que a deusa procede a escolhas, operando as engrenagens convergentes do esquecimento e da lembrança na construção de uma memória, cuja natureza pressupõe o constante jogo entre mostrar e ocultar, para que se realize plenamente (w.w.w.lettas.ufrj.br/ciencialit/garrafa5/1.3html disponibilizado em 04/11/07)

Se compreendermos a memória como uma construção, em constante, velar-se, tanto mais se desvela, nesta dança das dobras, ela não anula o tempo, porém, nele navega. Nesse sentido pode-se dizer que, assemelha-se à maneira como os gregos estabeleceram a figuração do Outro na Grécia Antiga. Melhor dizendo, na percepção de conjunto, de cosmo e de interpenetrações do tempo, vislumbra-se o devir, e a abertura para a ampliação da percepção do diferente, como o que fortalece e se recria a própria identidade.

Considerações Finais

A temática; memória, alteridade e corpo são substanciais para suscitar ainda muitas inquietações que apenas foram aludidas neste trabalho. Tomamos como ponto de partida as supra citadas obras dos autores em questão: Nietzsche e Vernant.

Como pudemos perceber nos dois autores, Dionísio através das dores do crescimento, apesar de multifacetado, retorna às suas origens, à natureza, profícua e mestra no poder de regenerar, celebrando o devir vital. Este aspecto torna-se fundamental para a compreensão do relacionamento dos helenos com o tempo, com a alteridade e com a memória. Visto que ao apoderar-se destes princípios, da regeneração e da metamorfose, os gregos transitam numa esfera de memória que se expande na direção da criação e não na do estagnamento de um tempo linear, experimentando outras dimensões do humano.

Assim, consideramos que, neste trabalho, tratamos da memória como possível geradora da criação, já que o princípio criador pressupõe escolhas e contínua transformação, sempre uma máscara leva a outra e a outra; esse processo de contínuo mascaramento conduz o outrar-se, o dobrar-se, assim como os deuses mascarados e a experiência do Outro.

Referências

BARRENECHEA, Miguel Angel de. *O Aristocrata nietzschiano: para além da dicotomia civilização/barbárie*. IN: BARRENECHEA, M; LINS, D. PELBART, P. *Nietzsche e Deleuze Bárbaros Civilizados*. São Paulo: Anablume, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na idade trágica dos gregos*. Lisboa – Portugal: Edições 70. s/d..
_____. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Schwarcz, 2005.

VERNANT, Jean Pierre. *A Morte nos Olhos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
_____. *Mito e Pensamento*. São Paulo: Edusp, 1973.

Artigo recebido: 12/12/2007

Aprovado: 02/02/2008
